

AVENÇA

Visado pelo
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 294 • PREÇO 1\$00



Aqui, LISBOA!

Nunca me soube tão bem ter uma casa disponível do Património, como hoje. Vários S. O. S. tinham chegado até aqui, pedindo socorro para uma pobre cancerosa que, algures se estava a finar numa pobre barraca. Tudo aqui vem bater como se tivéssemos remédio à mão para todos os males. Quantas vezes isto tem sido aqui redito.

De regresso dos peditórios da Parede, deixamos o carro no povoado e fomos por montes fora à procura da doente. Atravessamos silvados e trigais, subimos e descemos colinas, topamos dezenas de espeluncas até encontrar a da cancerosa, num acampamento de ciganos. Nestes vinte anos de visitante de barracas nunca me custou tanto entrar num antro, como desta vez. O cheiro era insupportável. Há dois dias que a Irmãzinha da Caridade não vinha renovar o penso. As dores da pobre, o mau estar, a penúria de tudo, disse-nos ela que eram nada, em comparação da ansiedade como ir partir deste mundo e deixar naquele arraial de ciganos, uma filha de 13 anos e um pequeno de oito. Que há seis anos se arrastava ao Instituto de Palhavã, mas que há três meses caíra à cama para sempre. Valia-lhe a Irmãzinha e algumas Senhoras que a ajudavam com esmolas. Que por nada deste mundo se queria separar dos filhos. Saí fora a respirar e a tomar alturas. Estamos no alto de Algés. Em frente o Tejo; ao lado, o Bairro de Cazelas. Cenário maravilhoso banhado de luz, se não fora o gemido que vinha de dentro e uma centena de barracas que se viam lá em baixo. Que fazer? Ou cruzar os braços como faz toda a gente, ou arriscar um acto de loucura como fez o Mestre. Optamos por esta solução.

Faltava uma auto-maca. Nem bombeiros nem Cruz Vermelha podiam legalmente acudir. Tudo se remediou com a prata da casa: para os trastes, a nossa furgoneta; para a doente, o Volkswagen. A Regente fez de enfermeira. Enquanto não temos Calvário, a Casa do Lobito recolheu a cancerosa e os filhos. Um acto de loucura! O Calvário foi e será sempre loucura. Nem a Obra da Rua seria nada, se não fosse a loucura das iniciativas tomadas.

Antes de retirarmos quisemos deitar fogo à barraca. Teria sido um lindo auto de fé se à volta não houvesse umas dezenas delas que desapareceriam no mesmo brazeiro. Limitamo-nos a pregar a porta. Já ali estava uma mulher de

aspecto miserável, a querer meter-se lá dentro.

Agora que a cancerosa se encontra numa airosa casinha, lhe foi feito o curativo, e servido leite quente; agora que os filhos foram retirados do contágio; agora que curamos as feridas, ao regressar à mesa de trabalho, dá-me vontade de chorar. Medito na ciência que não atina. Medito na técnica que não consegue debelar a palhota: Algés, Pontinha, Charneca, S. João da Talha, Cova da Piedade, Pragal, etc. que sudário! Como os homens são pequeninos!

Mas deixemo-nos de lamentos inúteis. Vamos à vida! Cada vez se nos apresenta mais urgente a necessidade dum Calvário embora em ponto reduzido; vamos para ele.

Por outro lado a Câmara de Setúbal reclama a nossa presença e desde já põe todos os terrenos necessários à discreção do Património. Lá iremos depois de sacudir o pó dos sapatos já gastos nas ruas de Lisboa.

PADRE ADRIANO

TRIBUNA DE COIMBRA

Vamos hoje publicar o que diz a nossa agenda daquilo que nos vai chegando. Começa nos princípios de Fevereiro. Só podemos publicar esta secção de tempos a tempos; aliás, ninguém dava por isso e não tinha esta ocasião de bendizer ao Senhor:

Vinte e colheres e outros vinte e mais coisas *duma figueirense*; medicamentos; vinte em Coimbra; roupas aos vendedores em Coimbra; um saco de batatas da Mealhada; cinquenta de visitantes; o mesmo de Amélia a pedir as benções de Deus; 25\$00 de visitantes; cem para o Lar do Porto; cem da Sonap; meias e lenços de Coimbra, que nos trouxe um portador de Miranda.

Estudantes de Coimbra de visita deram muitas merendas e quase cem; sempre os 200\$00 mensais de Coimbra; quinhentos de Leiria dum que foi criada; cinquenta na rua em Coimbra de quem costuma fazer assim quando me encontra; roupas e vinte de Coimbra e agora mais vinte e sapatos; cem de *uma lei'ora* da Figueira da Foz; quinhentos no aniversário de pessoa que muito nos tem ajudado na educação dos nossos.

NOTA DA QUINZENA

É, ainda, a Hidro-Eléctrica do Cávado, que vai dar matéria para esta nota. Ora leiam:

«Por outro lado, quiseram também os nossos empregados, cujos nomes constam da lista anexa, inscrever-se como assinantes de «O Gaiato» pagando as suas assinaturas anuais pelas quantias na mesma indicadas, no total de Esc. 3.090\$00, total que foi depositado no citado Banco para crédito da conta da Casa do Gaiato das Ruas do Porto».

A lista consta de 103 nomes. Vai ali o engenheiro, o guarda livros, o trabalhador, tudo no mesmo plano e cada um na sua escala. O que não irá fazer o «Desordeiro» entre os homens de uma Empresa de tão alto nível; o que não irá fazer?! E como esta extensa e preciosa lista, não obriga os redactores do quinzenal—como? Aos cem mil que nos querem ler, temos de dar a palavra *daquela* tempo. Era duma vez um doente

que eu *achei* numa toca, debruçado sobre uma enxerga; *estou aqui há onse anos*. A mãe, sardineira, manhãzinha, deixava-lhe o café e só à noite tornava a comer. Nunca teve educação religiosa. Não conheceu jamais uma igreja por dentro. Mas deleitava-se com a visita de uma rapariga do lugar; *ela vem, senta-se naquele caixote e é por um livro que começa—Naquele tempo*. Eis o que se pretende. Não importa o credo, nem a cor, nem a política, nem o conceito. Se saudáveis, se doentes. Engenheiros ou trabalhadores. Bons ou maus. Irritados ou pacíficos. Não importa. Todos os homens se encontram na doutrina *daquela tempo* e amam as obras por ela inspiradas. Sim. Após estes cem, outros cem. Breve seja o dia em que todos os da H. I. C. A. se tornem assinantes.

A carta é assinada por Fernão de Ornelas, de onde se infere que é assunto da Companhia; ele é o primeiro.

Conforme o nosso cronista já publicou, muitos atenderam o seu pedido de pneus usados e aliviaram-me de andar sempre o *Pião* sapateiro atrás de mim a pedir.

Duzentos no aniversário da Maria Helena e mais duzentos acompanhado de sua irmã Maria Isabel. Eu gostava muito de conhecer estas nossas duas *amiguinhas* que nunca se esquecem de nós nos aniversários, festas grandes, falecimentos de pessoas de família, férias, etc.. Tudo elas assinavam.

Cinquenta dum médico amigo de Mira que sempre ao ver-me puxa da carteira; uma camisola de Mira para um estudante; agora uma cama usada também de Mira; não falo aqui da fruta, vinho e géneros que dali nos vêm; as Senhoras Professoras em Retiro entregaram-nos bolos e pães; vinte, sapatos e roupas de Coimbra por alma da mãe; uma coberta em lã de Lisboa; cinquenta dum licenciado pelos vendedores da Covilhã; 25\$00 dum licenciado pelos vendedores de Castelo Branco; 300\$00 dum Seminário de Fátima; 80\$00 de visitantes.

Roupas usadas da Covilhã por

um vendedor; vinte no P. Delgado; 150\$00 de visitantes; 20\$00 das B. F. dum seminarista; roupas e sapatos de *peessoas saudáveis* no P. Delgado; 37\$00 de visitantes pobres da Figueira; 120\$00 no Lar a pedir duas missas e uma A. M.; cem dum enfermeira doente, de Coimbra, 20\$00 por alma dum tia; cinquenta em carta de Viseu; o mesmo em Coimbra a um vendedor para a cancerosa.

E, como já foi dito, andamos agora pelas igrejas de Coimbra: Em S. Bartolomeu deram-nos 1.650\$00; em Santa Cruz passou um pouco dos sete contos; na Sé Nova foi um bocadinho além dos dois; na Sé Velha foi um pouco mais baixo.

A folha do Património dos Pobres também acusa:

Vinte no aniversário da morte da mãe; 500\$00 de Coimbra; mil dum sacerdote aos vendedores da Lousã; trezentos angolares de uns noivos a pedir ao Senhor que abençoe o seu noivado e futuro Lar.

Duzentos *duma rapariga humilde*, e quinhentos dum sacerdote.

PADRE HORÁCIO

== AGORA == PELAS CASAS DO GAIATO

Hoje a procissão é falada, pelo que, além da atenção que se pede enquanto passam, também enquanto falam. Ora oíçam:—

«Ao cabo de 30 anos de extenso trabalho e com a ajuda de Deus, consegui amearhar algumas economias, das quais retiro, com a maior alegria e a melhor boa vontade, estes doze mil escudos. Muito lhe agradeço de me informar o local pois que, se Deus me ajudar, quero oferecer os dois mil escudos para o seu modesto recheio. Considero o dia de hoje um dos mais felizes da minha vida.»

A carta é datada do Porto. Foi aqui entregue pela própria, que deseja dar à futura moradia o nome de sua Mãe,—*Maria do Carmo*. Não lhe perguntei quem era, tão pouco ela me disse. Para quê? Analizemos as economias de 30 anos e logo abaixo um dos dias mais felizes da minha vida. Isto é autêntico. Esta senhora do Porto faz aqui uma revelação de inenarrável riqueza da altíssima Pobreza cristã. E revela mais: ela diz que não vale a pena pedir nada aos ricos do século, pois que a salvação vem dos pobres. Proquê, desde o mês de Setembro de 1951 até à data, temos registado 274 moradias ou sejam outras tantas dúzias de contos, fora migalhas que prefazem milhões. Pois bem. Tudo isto tem causado a quem dá, um dos mais felizes dias da vida. Porquê? Porque pobres. Esta sorte de felicidade não é conhecida do deus do milhão nem dos seus adoradores.

Novo discurso de *Os dois das bodas de oiro*. Abram a inteligência e sejam verdadeiros ouvintes:

«Permitiu Deus, na Sua Infinita Bondade, que pudessemos, minha mulher e eu, festejar as nossas «Bodas de Oiro», com os nossos filhos e netos, todos com saúde e alegria. Pretendemos ambos que os pobres devem participar da felicidade que Deus nos concedeu e assim fomos entregar no Banco Espírito Santo a quantia de doze mil escudos. Quantia esta que desejaríamos fosse destinada à construção de uma casinha. E mais pedimos à sua bondade que, se fosse possível, lhe desse o nome de *Bodas de Oiro*. Pelo «Famoso» nos poderá dizer o seu assentimento e, a seu tempo, onde ela ficará situada e quais os seus moradores.»

Estes *Dois das Bodas de Oiro*, estão aqui a dizer à gente que o amor de Deus, da família e do próximo, é um só amor. Indivisível. Inconfundível. Não se parte nem reparte.

Segue-se novo pregador. Queiram escutar:

«Estive, dia de Páscoa, no Bairro D. António Barroso, e tive a satisfação de ver construído o casal *Manuel-Margarida*, e posto sob a invocação de Santo António, o sábio Doutor da Igreja, honra de nome português e de religião cristã.

Para comemorar o 7.º aniversário do falecimento da minha querida companheira de 50 anos, envio um cheque de 24 contos, para que um novo casal seja construído no Porto, para habitação de duas famílias, agora sob a designação de *Domingos-Teresa*, nomes de

meus saudosos pais. Repousam ambos no cemitério do Bonfim, onde espero também repousar eternamente a seu lado. Foram duas cristianíssimas almas, cujas mesmas qualidades e piedade filial imprimiu nos seguintes termos gravados na pedra tumular que lhes cobre as cinzas:

Meu Pai—*Foi carinhoso filho, marido dedicado, pai extremoso e devotado cidadão.*

Minha Mãe—*Foi a mais santa das mães, e a mais virtuosa das esposas.*

Se Deus me der mais alguns anos de vida continuarei fazendo esta lutuosa comemoração, recordando outros meus parentes, cuja vida conjugal exemplar e digna, faz jus a que os seus nomes fiquem unidos mesmo para além da morte.

Suponho que no próximo dia 15 serão entregues as casas do Bairro D. António Barroso aos seus moradores. Conto lá ir.»

E veio. Quando safa do sítio aonde as casas foram entregues e entre a multidão, aparece-me um cavalheiro: «*eu sou o dos 84 anos*».

Imediatamente compreendi de quem se tratava e fiquei espantado! Todo ele é juventude. Tem resistido à erosão! Que pureza! Estivemos dois minutos, se tanto. Tenho pena de não ter tempo para demoras e aqui peço aos meus padres que façam na mesma, para que os nossos passos sejam verdadeiramente de gigante.

O estilo da carta é o homem. Ele está em todas as sílabas. Se a era cristã não fosse a que passa, nós diríamos que este saudoso da sua companheira de 50 anos, fala à moda dos antigos. Que força as suas palavras! Como isto denuncia o Balofol!

E continuamos. Hoje a procissão é falada:

«Por iniciativa do nosso pessoal, e com o objectivo de prestar a sua colaboração à obra do Património dos Pobres, resolveram os funcionários desta Sociedade cotizar-se com uma fracção dos seus vencimentos mensais a favor da referida instituição.

No passado mês de Abril atingiu aquela cotização Esc. 1.795\$80, importância que já se encontra depositada na conta do Património aberta no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Esta Sociedade, que sobremaneira se congratula com o gesto do seu pessoal, não ficou indiferente à sua atitude e resolveu contribuir com o montante igual ao que resulta da sua cotização, montante que será depositado semestralmente na respectiva conta.»

Trata-se da Hidro Eléctrica do Cávado. Bem marginada. Bem redigida. Qualidade de papel, nem se fala. Índice de uma Organização perfeita. Mas a substância reside no que nela se contém. Primeiro o Pessoal. Deles a primeira pedra. Para uma tamanha grandeza, só outra grandeza: a Sociedade congratula-se com o gesto do seu pessoal e resolve contribuir igualmente. Sociedade, Luz e Energial Pessoal e Patrões. Comunhão. O problema do Homem, tem de ser resolvido pelos homens, ou não se resolve. Nenhum tão instante como este de casas para morar.

Vão sendo horas de recolher, mas aquela vista das 28 moradias

PAÇO DE SOUSA

Nestes últimos domingos a nossa aldeia tem sido invadida de forasteiros, que de todos os cantos vêm dar o seu apoio material e moral.

São grupos excursionistas, escolas comerciais e industriais, colégios, etc.

De todas estas, destacamos a visita dos vicentinos de Braga, que aqui estiveram no dia 22 passado. Viram tudo, ficaram entusiasmados, vão dizer a outros e as visitas não mais têm fim.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

—No passado dia 19, quinta-feira, foi o casamento do chefe da Administração de «O Gaiato», Avelino Rodrigues dos Santos. É um dos rapazes mais queridos da aldeia.

O Avelino casou-se na nossa capelinha, com a menina Maria Jesé da Silva Martinho, tendo por padrinhos um casal muito nosso amigo, da cidade do Porto.

O Pai Américo, em nome do Altíssimo, testemunhou a união para sempre destas duas almas, que cumprem assim o Preceito do Senhor: Propagai-vos e enchei a face da terra.

Toda esta grande comunidade comungou na mesma alegria, ao assistir com eles ao Santo Sacrifício da Missa.

Depois foi servido um jantar em casa da família da esposa, ao qual assistiram alguns dos nossos irmãos e o Pai Américo.

Avelino e esposa seguiram a Lisboa buscar um Morris novo, para serviço da nossa casa.

—Mais grilos. Aos recreios, batatas de palha na mão, a caminho da mata. Dando com a toca, metem a palheira e é ouvi-los — «gri, gri, sai cá fora que eu já te vil...»

Uns são cantadores, outros não, havendo, por isso trocas e zaragatas. Chegam os visitantes ao domingo, de caixas na mão a pedir: «Quem me arranja um grilo.»

A noite lá vão os visitantes todos contentes embora, levando para sua casa, alguma da nossa alegria. É claro que os pedidos vão aumentando e dentro de pouco tempo, a nossa mata fica «fanada»...

—Tivemos o prazer de conhecer pessoalmente

de Miragaia, não sei que «mal» trouxe à gente do Porto; vista e história. História de como o bairro apareceu ali. História de cada agregado familiar, e esta é que morde. Vai falar «um Mordido»:

«Pela presente vimos entregar um cheque de Esc. 12.000\$00 destinado à construção de UMA CASA para o Património dos Pobres.

Se for possível, agradeceríamos que esta CASA fosse construída no Porto e de preferência na freguesia de Miragaia, e que à mesma fosse dado o nome de N.ª S.ª da Conceição.»

Sim. A história de cada agregado familiar. Ela basta e constitui material suficiente para erguermos mais casas com idêntico préstimo e finalidade. Ponham à nossa disposição a quinta fronteira, aonde a barraca é hoje ali mais triste e mais negra. Façamos doação como fizeram à quinta do Cidral de Cima e não é preciso mais nada. O mestre de obras torna com os seus trabalhadores. O risco das moradias é o mesmo. A urgência não se discute: nós morávamos todos num quarto mais pequenino do que este. Em lugar de vinte e oito teríamos cem moradias com lugar para mil condenados. Nós vivíamos no inferno,—outra frase que anda na boca dos neo-ocupantes. E tem fundamento: a vizinhança, o barulho, a taberna, o palavrão, o lupanar, a falta de luz e de espaço, os filhos testemunhas e tudo isto sem remédio, sem esperanças de melhorar e certeza de ser para toda a vida. «Nós morávamos no inferno». Mais material de construções. Por isso facilite-se a entrega daqueles terrenos e a terra aonde Portugal nasceu ficará com um monumento igual ao berço. Poesia? Não. Chama-me, sim, mas eu não sou o poeta da miséria. Se a cidade do Porto anda estremecida com tão pouco, que será o dia quando ela possa ver mais, chorar mais, amar mais?

os componentes de a Voz de «Os Ridículos» e o seu director, que logo nos ofereceu uma lembrança da «Pomada Esmerante».

Vão organizar uma excursão à nossa aldeia e farão para nós todos uma festa, em data a combinar.

Agradecemos as palavras amigas que têm tido para conosco, pelo motivo da nossa festa no Coliseu do Porto. Ficamos à espera do dia da sua visita, que tenho a absoluta certeza será um êxito, pois pessoas como as da Voz de «Os Ridículos», vencem todas as dificuldades.

Viva a Voz de «Os Ridículos»!

—Saíu mais um fascículo da história do Futebol Clube do Porto, o XII, que como sempre, se apresenta com óptima colaboração e excelente aspecto gráfico, honrando o jornalismo desportivo e a indústria gráfica portuguesa.

Dá bastante relevo a todas as secções do grande clube tripeiro, destacando-se entretanto, a famosa equipa de andebol, que tanto tem honrado o clube e Portugal.

—No passado domingo 22, estiveram em actividade no nosso parque de jogos, as duas equipas. Primeiras e reservas. Estes venceram o grupo de «Os Peneiras» de Valbom por quatro bolas a zero e os primeiros um grupo que os vicentinos de Braga trouxeram, pela marca de 3-1.

Alinhámos: Fernando Bártolo, Quim, Augusto e Presidente (depois Teixeira); Nicolau e Borges da Silva; Semanel, Abel, Rui, Juvelino e Bento (depois Presidente, saindo o Bento).

Na primeira parte estávamos a jogar e a perder com naturalidade mas na segunda, com estas modificações, chegamos a atingir bom nível, vendendo mercadamente.

Os nossos melhores: Nicolau, Rui, Augusto e Fernando Bártolo.

Marcaram: «Semanel» 2 e um visitante na própria baliza.

Daniel Borges da Silva

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Primeiro que tudo, permitam-nos uma saudação muito especial aos Vicentinos de Braga, que recentemente visitaram a nossa «aldeia». Sim senhor! Vale bem a pena destacá-los: quotizaram-se e no fim couberam 554\$60. Ainda bem que a *obrinha* não assentou arraiáis no meio Vicentino de Braga. Por isso mesmo, eles dão cartas e mostram a Portugal a Força que lhes vem dos Pobres. A todos, um abraço muito apertado e continuem na grandiosa Obra que encetaram, a bem dos Pobres e para maior honra e glória de Deus.

Segue-se o nosso conhecido, nesta coluna, José Miranda Júnior, com 20\$00. Ao *Banana*, quando passava bilhetes para a festa do Coliseu, houve que lhe entregasse 21\$00. Um postal diz que segue por este correio um vale de 20\$00 que todos os meses será igualado. Se não fosse maçada, agradeceríamos o favor de, simultaneamente, enviar um postal a anunciá-lo. O movimento de vales, aqui, é enorme. Assinante 12.693, 30\$00. Eurico Mata Alves, 100\$00. Assinante 5.400, 50\$00. Do Eng.º José Beires, se algum sobrar é para a Conferência: 40\$00. Assinante 7255 diz que *desejava ser rico para mais dar! Mas quem quere não pode e quem pode não quere* e manda 20\$00. Assinante 7648, igual quantia. Serafim Gomes, do Porto, 10\$00. O dobro, que será dado a um só pobre e de uma só vez, e não sabemos quem mandou. Manuel Fernandes Júnior 10\$00. Silvério Vaz, Espinho, 50\$00. Por fim, a costumada contribuição do *Bébé n.º 3*, 20\$00 de Maio e Junho. E pronto, acabou. Como sempre, aceitem os nossos melhores agradecimentos.

Julio Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Os jornais do dia disseram, mas esta é a fonte. Aqui é que se bebe. Quero-me referir ao agredido de casas em Miragaia, que formam o *Bairro D. António Barroso*. Como fora previamente combinado, às três horas da tarde estava tudo no seu lugar. Nada especial. Tudo ali era pequeno excepto a multidão dos festejados. Quiseram dar-me a presidência e eu aceitei. Era justo e natural. Micro à minha frente e lista na mão, começo a chamar pelas famílias. Um chamamento à vida. Uma vida nova. Aquela entrega foi na verdade uma Ressurreição de mortos! Só quem sabe como e aonde aquela gente vive, é capaz de sentir e compreender as lágrimas de todos. Comecei. Não lhes quis dar o nome de pobres. Recusei-me absolutamente. Pobres somos todos nós...!

Chamei-lhes amigos. Nossos amigos. Uma vez dito o nome do chefe, a família segue. Havia delas numerosas. Em muitos casos o pai com um filho ao colo e dois pela mão. A mãe com um de peito e outro no ventre. Outros casos de ternura eram irmãos mais crescidos com outros às cavaleiras. Cada um vestia-se conforme a roupa que tinha e apresentava-se tal qual era. Nada estudado. Nada fingido. Ao pé de mim, o pároco entrega a chave com o número da casa. Vinte oito chaves. Vinte oito desmaios. Não se entregou nenhuma a olhos enxutos. Não há vivas. Não há palmas. O silêncio

sobrepuja. Atraz de uma família vem outra. Dá-se-lhe recado de seguir, abrir a porta da sua casa e convidar os visitantes. Dentro de meia hora cada um estava no uso do que é seu.

Verdadeiramente falando e segundo a doutrina do Património, a casa entrega-se ao vicentino. A família ocupante toma conta da responsabilidade de olhar pela conservação de uma casa que é de outros e também se obriga a cultivar a boa vizinhança, sem o que terá de se retirar pelo seu pé. Isto mesmo foi dito ali. Isto mesmo é preciso que se diga em festas semelhantes e não havendo vicentinos, não ergam nem entreguem casas. Uma coisa que muito me alegrou, foi o ter percebido que as famílias foram bem escolhidas; entre os pobres os mais pobres. Também fiquei muito contente por ter observado o teor das mobílias, das roupas e dos utensílios. Tudo próprio. Tudo esforço. Tudo mérito. Uma das ocupantes, houve de ser transportada. Vivia num patamar do Barredo, ao cimo das escadas. Uma outra que veio pela chave, é parálitica. Ao pé de mim, sentado por não poder estar, era um ocupante que teve outrora posição nos Estados Unidos da América.

Casa de N.ª S.ª de Fátima—10 filhos. Dois gémeos com 5 meses de idade. A mãe doente e abandonada pelo marido.

Casa do Instituto dos Vinhos do Porto—Casal de idade. Ele inválido e ela muito doente. 15 anos numa toca.

Casa Socony Vacuum Portuguesa—Casal com 3 filhos. O mais velho 8 anos. Pai parálitico. Um jornalista.

Casa dos Vicentinos de Lourenço Marques—6 filhos. Pai engraxador, muito doente. A mãe também por falta de alimentação.

Casa de Angoche—Casal com 3 filhos, mãe, uma irmã parálitica, e um sobrinho orfão.

Casa do Chibuto—Casal com 5 filhos e um no ventre. Pai no sanatório. Mãe no dispensário...

Casa da Cidade de Moçambique—Casal com 5 filhos. Pagavam 200\$00 num armazém térreo e escuro.

Casa do Porto da Beira—Um casal com 3 filhos e um à porta. A mais velha 3 anos. Pai alfaiate mas falta-lhe trabalho.

Casa da população de Tete—Viúva e 6 filhos. Nenhum pode ainda ganhar.

Casa dos Administradores da Marconi—2 irmãs solteiras 40 e 60 anos. Aquela inválida. Viviam num sótão. Não se quiseram deitar para não sujar a coberta.

Casa dos empregados da Marconi—Casal com 2 filhos. Pais inválidos. Viviam todos num aposento.

Casa dos Despachantes e Ajudantes de Despachantes da Alfândega—Casal com três filhos. Pagavam 120\$00 por uma toca com menos espaço do que a cozinha actual.

Casa do Orfão de Besteiros—Casal sem filhos.

Casa de S.º António—Casal com três filhos pequenos.

Casa de Manuel e Margarida—Casal, a mãe dele e 3 filhos. Ela vivia com duas meninas na toca da mãe dela. Ele com o pequeno na toca da mãe dele.

Casa dos Agricultores do Chimoio—Casal com 3 filhos. Ela doente e ele com ordenado deficiente.

Casa dos 10 netos—Casal com 5 filhos e um escondido. Pai desempregado. Viviam só num apo-

e choravam de alegria pelo que ora é: *venha ver o nosso menino*. Um abraço de parabéns aos que escolheram estas famílias.

Em uma das casas via-se o letreiro: *a mobília foi dada por Metrelhadores 3*. Três quartos com



Aqui Ramalde, dentro do Porto. Queimaram-se esta e mais barracas, no dia da mudança. Há mais barracas. Muitas mais! Que é das casas?

sento sem luz e a filha mais velha doente pulmonar.

Casa da Emissora da Beira—Casal com seis filhos. O mais novo 6 meses. Pai desempregado.

Casa Maria da Beira-Africa—Por mobilar.

Casa do Município da Beira—Casal com sogra e 5 filhos pequenos.

Casa dos empregados da Manca Trading Coy Beira—Casal e 4 filhos. Viviam num barraco dum quintal.

Casa do Libolo—Casal e 4 filhos. Viviam todos num quarto.

Casa do Município de Gasa—Casal de 7 filhos. O mais novo 1 mês. O mais velho 18 anos.

Casa da Lunda-Chitato—Mãe entrevada e filha de 20 anos. Viviam num patamar de escada.

Casal de S. José—Filha aleijada e mãe de 64 anos. Dormiam nos corredores de qualquer edifício do Barredo.

Casa dos Funcionários da Alfândega do Porto—Casal e 7 filhos e um escondido.

Casa de todo o Pessoal do Batalhão da Guarda Fiscal—Casal com 7 filhos. Pai desempregado.

Casa do Pessoal da Shell Portuguesa-Filial do Porto—Casal com 5 filhos.

Entre em todas. Primeiro as lágrimas. Depois o *venha ver o nosso menino*. Finalmente, o Senhor sobre a cómoda e lamparina em algumas delas. Resultado; amor de Deus e do próximo, é um só amor. Os nossos meninos que as mães iam ao berço descobrir, estão mudando de cor. O sol tinge-os. Quantos deles! Não houve uma vivenda aonde não tivesse escutado — *nós viviamos num quarto mais pequenino do que este*. Se famílias de 9, se de 7, se de 6, se de 10—todas me deram a mesma novidade. As mães mediam com os braços a capacidade do que foi seis camas e o mais. Tudo em

folha. Tudo na marca. Metrelhadores!

O senhor Augusto Sinde, dos Armazenistas de S. João, foi testemunha de tudo quanto aqui se diz. O meu Júlio, que estava à distância, viu-o de tal sorte que se aproximou. Não era nada. E o seu don. A sua capacidade de amar. Eu já tinha visto tudo quando, meses antes, o acompanhei numa volta aos seus colegas. Ele é que tinha a palavra. Num instante oitenta e dois contos! Oigo dizer que é de Coja e ora vive no Porto. Temos Coja diminuída e o Porto acrescentado.

Mão de obra e materiais, são 892 contos. Água 74 contos. Quanto à luz ainda não sei. Números redondos vem a ser um milhão e duzentos mil escudos. Nada do Estado. Nada da Igreja. Doze contos do cofre do Governo Civil. Cento e vinte deles da Misericórdia e eis. Em algumas ruas da cidade, comecei, mas logo desisti. É muito doloroso. Alguns bancos e companhias, ofereceram 145 contos. Particulares, deram 455. E é tudo quanto o Porto até hoje me deu para estas casas.

Eu vou contar um caso: Aqui há tempos, um cavalheiro de posição, aproxima-se de mim muito condóido da sorte de um pai com nove filhos a viverem muito mal; e que se eu lhe arranjassem uma casa no Porto, ele arranjava-me doze contos na rua de Passos Manuel. Disse-lhe que sim: *comece*. Este senhor ia nos quatro contos quando eu lhe instalei a família; e não foi por diante! Um dia encontro na rua. Pergunto. *Sabe? Agora ninguém quer dar por se dizer na rua que o homem já está servido*.

Será, na verdade, a Rua que o diz, ou aquele cavalheiro também não teve coragem de prosseguir? Seja como for eu estou sem 8 contos neste caso e sem 475 no caso de Miragaia. Nunca tantos deram tanto a um só. Um Só!

IMPORTANTE

Tendo-nos saído da alma qual água da fonte, a ideia de casas para pobres, logo sonhamos entregar a obra à paróquia. Se paróquia ao bispo. Se bispo à Igreja. Se Igreja a Cristo. Não conhecimento nem existe entre os homens uma ordem social mais perfeita. Sendo preciso continuar e porque se esgotou o stock do estatuto nacional, rogamos aos párocos interessados doravante se dirijam directamente aos seus Prelados por um da sua diocese.

Esta modalidade, de maneira nenhuma afrouxa a resolução em que nos encontramos de auxiliar cada um como até aqui; não afrouxa. Somente precisamos de saber que na paróquia está fundada a obra e os terrenos já registados na fazenda. Basta que me digam qual o número do artigo. O cheque segue na volta. Mais nada. É que deliberamos não continuar por mais tempo a colaborar na existente e crescente anomalia. Qual? Centenas de casas sem dono por Portugal fora! Oh confusão!

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Por estes dias, vamos expedir para a Zambézia a primeira remessa de lanternas e candeeiros e outros apliques de ferro batido. Nas oficinas e enquanto se trabalha, vê-se lume de muitas maneiras. Os artistas miram-se no seu trabalho. Amam o que lhes vai saindo das mãos. Há dias, abri o quarto do senhor Bispo e vejo no chão uma data de peças prontinhas para embarque. Volto-me justamente na maré em que três deles transportavam mais peças. No grupo vinha o chefe. Perguntei. Pois se nós acabamos de gastar à beira de quatro centos contos num edifício para oficinas, depois que o Júlio correu tudo e todos da tipografia; pois se no dito edifício as oficinas de serralheiro são o branco,—a que título?

Porque é que há-de ser o quarto do senhor bispo? O chefe mais os que com ele vinham disseram ao mesmo tempo que nas oficinas não: *a obra suja-se.*

Ora entremos na alma destas coisas de aparência superficial. Primeiramente o gosto que os rapazes experimentam com a obra. Eles riscam, cortam, emendam, montam, pintam e acabam. As horas do trabalho são poucas. Tenho-os ouvido pedir ao padre engenheiro que os deixe trabalhar pela noite dentro. Que grande remédio não é este! Aonde o seu passado? Que é do que eles trouxeram? Como tudo cai no chão enquanto brotam coisas novas da alma deles por amor deste trabalho, que vai fazer as delícias de portugueses na Zambézia! Em segundo lugar, apreciemos a liber-

Uma Carta

«Continuo a esperar confiadamente nas orações certas dos amigos certos. Cada dia me convenço mais que sacerdócio a meias é um suicídio. Ou a gente se entrega totalmente numa doação absoluta ou ficaremos sempre uns falhados porque inferiores aos que por outros caminhos se queimam com ardor.—O congresso da J. O. C. fez admiravelmente bem. Nem pode calcular. Aqueles jovens gritavam por verdade, por justiça, por certezas e nós continuamos a dar-lhes meias verdades e amor calculado e mesquinho».

É de um seminarista. Dentro em breve vai receber do seu bispo o sacramento da Ordem e aí o temos no meio do povo. Ninguém pode duvidar por um momento sequer que estas suas palavras procedem duma acção interior. Elas são a garantia de que amanhã feito padre e no meio do seu povo, atacando a paixão de se dar aos que são injustamente tratados, aquela acção interior persiste. Sem ela nada poderia realizar. Sem ela, é impossível criar na alma a *doença do amor.*

Estamos num tempo extraordinário. Um sacerdote prêgo há dias num congresso deles e afirmou que a revolução só pode vir da Igreja. O bispo da diocese estava presente. Cartas idênticas de seminaristas, de sacerdotes e de leigos chegam à nossa aldeia todos os dias. A hora do correio é esgotante. *Estamos num tempo extraordinário.*

dade da escolha; eles decidiram e foram colocar as peças na melhor casa e dentro dela o melhor quarto. Enquanto colocam ali as peças para que se não sujem, sujam eles as escadas com os pés cheios de limalha e carvão. As senhoras protestam. Os da limpeza refilam. E aqui temos a desordem. A magnífica e adorável desordem da Casa do Gaiato. Mais. O nosso particular amigo Dr. Armindo, pároco da Marinha Grande, veio-nos visitar. *Macaquito* toma-lhe a mala das mãos e sem nada perguntar, conduz o hóspede ao quarto do senhor Bispo. Ele não esperava! Nunca tal tinha visto e foi o *Macaquito*. *Macaquito* explicou tudo ao hóspede. Fez uma carreira dentro do quarto desde o limiar da porta até ao sítio do leito e o Senhor Padre Armindo, condescendente, deitou-se na cama e dormiu. Ele já sabe o que isto é. A seguir tivemos outra visita apreciadíssima, mas agora o caso é outro. As senhoras foram muito depressa e transportaram as peças para outro quarto. Tratava-se nada menos que a Excelentíssima Senhora D. Maria Inácia Homem. E aqui temos nós. Quem ainda não sabia como somos, fica agora a saber.

*** Hoje é a Vigília da Ascensão. Tomei paramentos brancos. Ramada, na forma do costume, ao pé de mim, ministra. Fizemos uma vénia a um crucifixo de marfim que temos sobre o arcáz. Ramada toma o seu lugar à frente e eu precedo. Há uma porta que diz para a capela. Ramada bota a a mão ao trinque e antes de abrir volta se, levanta dois dedos e exclama: *olhe que os alemães comeram cinco a dois.* Naquele momento e lugar que podia eu dizer? Não disse nada mas de regresso e enquanto me desparamento, o rapaz dá-me todas as informações. Ele e muitos não se tinham deitado enquanto não terminou o relato do hóquei em patins. *Os alemães comeram.*

Esteve ontem aqui um padre Canadano, que anda em visita oficial a estabelecimentos da natureza deste. Tem corrido tudo na América. Pode comparar. Duas coisas o surpreenderam profundamente, segundo confessou aos da sua comitiva; uma é o ser possível fazer se tanto sem verbas certas e seguras. Este foi um espanto de ordem natural. O segundo, espiritual, foi ter notado o à vontade dos rapazes. E mais eu não lhe disse que eles podem escutar rádio até à meia noite e fazer livremente os seus comentários, mesmo a caminho do altar. *Os alemães comeram cinco a dois.*

*** Temos recebido cartas aonde se explica de como se pode resolver o problema de ovos de pata e de galinha sem mistérios. É assim: primeiramente botam-se aqueles e uma semana depois, estes. Resultado; saem ao mesmo tempo. Outro resultado; acabam se barulhos e comentários e sarilhos de vir uns à frente e os outros depois. Ora isto mesmo se explicou solenemente à Senhora da cozinha. Vamos a ver.

*** Os senhores e mai-las as senhoras lembram-se do Abel? Daquele mesmo que cabia num bolso quando para cá veio e que foi o

áz dos vendedores e que hoje corta pano nas oficinas de alfaiate? Os senhores recordam-se? Pois hoje o Abel é o meu volante. É sim senhor. Se algum dia lerem

O Avelino, «um dos rapazes mais queridos da aldeia», casou-se. Que ele continui, como diz o Daniel na sua crónica, a ser «um dos rapazes mais queridos da aldeia». Eis os nossos desejos.

nos jornais ou vierem a saber que o Morris foi por uma ribanceira abaixo e ficou no fundo de pernas pro ar, não é preciso fazer perguntas a ninguém. Foi o Abel.

*** O Zé Poveiro acaba de me escrever do Porto Alexandre e entre outras coisas diz—*veja se fas embarcar a minha namorada que eu não tenho quem me lave nem quem me arremende.* Não há ninguém em Portugal que não compreenda esta carta e ninguém que não veja no pedido do rapaz a súpula das virtudes portuguesas.

Ele é da Póvoa. É o nosso querido e amado Zé Poveiro imediatamente lhe respondi a pedir que faça chegar à minha beira a sua namorada, que mande os documentos e o resto é por minha conta.

Todos sabemos que o remendar e o lavar não são a essência do matrimónio mas a verdade é que há muitos casamentos infelizes por que a mulher não sabe fazer uma coisa nem outra. Não sei se existem na nossa terra escolas domésticas aonde a mulher pratique o que lhe é dado. Não sei. Não havendo, seria acerto uma Campanha para esta sorte de *analfabetismo*. Quantas delas, com curso, chamados superiores, entram para a vida conjugal sem saberem *ler ou escrever*. Não lavam. Não remendam.

Exemplo: nestes tempos de verão somos mui visitados por colégios de raparigas, uns religiosos outros seculares. No primeiro caso, um mundo de freiras. No segundo, um mundo de professores. Em ambos, um mundo delas. Como os nossos rapazes podem falar com toda a gente, elas falam com eles. Basta um momento para tirar a prova de grandes revelações do Vazio. São as cartas. Esta que tenho aqui é um documento. Letra



bem feita. Não há erros de sintaxe. Dentro o retrato.

Prefere leituras de amor ou de aventuras? Sabe o que é a saudade? E m is e mais e muito mais.

*** O Salta Pocinhas é retirado todos os domingos do convívio de visitantes, por causa das lambarices. Ele vai e pede. Todos lhe dão. Resultado—indigestões. Houve aqui um tribunal furioso de que todos os da sua idade tomaram conta e o Salta, por ser o mais guloso, não sai do seu quarto. Ontem, alguém, contou 60 camionetes a uma certa hora.

Aqueles veículos despejam na aldeia milhares de pessoas. Se todos fossem da marca do Pocinhas e os tribunais não resultassem, tínhamos de fechar as portas.

*** Pombos. Pombos voadores. Se fôssemos às regras de economia, quantos prejuízos aqui em casa, por causa deles! A última largada foi de Faro. Parece que por causa do vento, deram em chegar tarde e dispersos. Houve impaciências. À chegada de uma, corria a notícia e aí vinham os alfaiates e serralheiros e da cozinha e das escolas. Uma fúria de alarmados: *e os outros?* Abel explica que elas pousam nos pinheiros a descansar e ao depois recomeçam. As pombas! Soubessem elas de como são aqui amadas, não se dilateriam e às horas estavam.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA